

9º Direitos Humanos entre Cannabis e Maconha

O Interacionismo Simbólico e o Estigma sobre as Associações de Apoio à Cannabis Medicinal

Douglas Wellinson Secco¹

Paulo Marcelo Ferrarese Pegino²

I. INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido é direcionado ao GT 9º Direitos Humanos entre Cannabis e Maconha e refere-se à pesquisa de dissertação em andamento, fundamentada nos conceitos sociológicos do interacionismo simbólico, que envolve a relação que ocorre entre os indivíduos por meio de símbolos que definem os grupos sociais, e define que a rotulação como desviante não se trata apenas de uma característica do comportamento, mas sim de um rótulo normativo que é atribuído ao indivíduo que convive em sociedade (Becker, 2008). Dessa forma, a utilização do interacionismo simbólico é necessária para demonstrar como acontece o processo de estigmatização dos pacientes de Cannabis medicinal pertencentes à Associação Cura em Flor, como indivíduos que possuem uma conduta desviante, ou seja, que fogem das regras e dos padrões estabelecidos por um determinado grupo social.

Assim, é possível considerar que o interacionismo simbólico é essencial como epistemologia na pesquisa, para contribuir na compreensão sobre as relações sociais que ocorrem entre os indivíduos e os grupos sociais, a construção da identidade pessoal e do pertencimento às organizações como a Associação Cura em Flor, pois “ao estudar o uso da maconha, podemos focalizar o modo como as pessoas aprendem, por intermédio da interação social, a interpretar sua própria existência física” (Becker, 2008, p. 182). Portanto, os indivíduos estão em constante interação uns com os outros, identificando suas características similares ou divergentes, e que formam a sua existência na sociedade.

¹ Mestrando em Administração no PPGA/Uel, docente na SEED/PR, douglas.wellinson@uel.br

² Doutor em Administração, Coordenador do PPGA/Uel, paulo.pegino@uel.br

A pesquisa evidencia que os indivíduos pertencentes a determinados grupos sociais tradicionalmente dominantes e conservadores tendem a se opor ao uso da Cannabis medicinal, promovendo o estigma e se opondo à legalização da planta, por ter uma conduta que infringe a moralidade e cultura do grupo social dominante. Desse modo, os grupos sociais estigmatizados historicamente enfrentam os impactos da marginalização por suas condutas rotuladas como desviantes, sendo parte de uma luta por reconhecimento e justiça social.

Portanto, as organizações que são direcionadas para apoiar o acesso às informações sobre o uso terapêutico da Cannabis medicinal, estão condicionadas ao rótulo de desviantes por ir na direção contrária às normas culturais, sociais, políticas e jurídicas que estão vigentes em determinadas regiões. Por isso, ocorre um impacto direto na caracterização dos consumidores de Cannabis pertencentes à Associação Cura em Flor como outsiders em relação aos padrões das instituições totais.

II. DESENVOLVIMENTO

As abordagens interacionistas buscam destacar a importância das relações sociais na construção das normas, e também na definição de comportamentos considerados aceitáveis ou desviantes. Assim, Becker (2008) enfatiza que essas definições simbólicas são resultado das desigualdades historicamente estabelecidas, definindo quais as atenções que são direcionadas por teorias interacionistas para identificar formas de relações de poder entre os indivíduos.

As teorias interacionistas em geral, prestam atenção à forma como os atores sociais se definem uns aos outros e a seus ambientes, prestam particular atenção às diferenças no poder de definir; no modo como conquista e usa o poder de definir a maneira como outros grupos serão considerados, compreendidos e tratados. (Becker, 2008, p. 204)

Desse modo, a pesquisa descreve as interações entre os atores sociais que compõem os grupos sociais, de modo que as regras são impostas por determinados grupos dominantes em relação à outros, e como essas definições dos grupos moldam as relações de poder simbólico, e acabam estigmatizando símbolos que não são considerados 'normais' em seu grupo, os taxando de desviantes.

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

De outro modo, grupos que já enfrentaram a exclusão e a marginalização historicamente, tendem a apoiar a Cannabis medicinal como parte de uma luta por reconhecimento e por justiça social. Portanto, a importância de utilizar os artigos de (Skliamis, Benschop, 2022) e na fundamentação teórica contribuem para compreensão prática do interacionismo simbólico, estimulando reflexões sobre as relações de poder existentes e que impactam na construção da identidade pessoal e do pertencimento social (Geiger-Oneto; Simkins, 2018).

Além disso, nesta pesquisa busca-se compreender como os indivíduos rotulados reagem a essas classificações sociais como desviantes, e por muitas vezes contestam ou visam ressignificar os atributos negativos estabelecidos sobre suas condutas, que são estigmatizadas por determinados indivíduos na sociedade.

A origem do termo estigma vem do grego stígma (στίγμα), que significa marca, sinal ou ferida, e no contexto da sociedade ocidental, as denominações se refere sempre às depreciações. Os gregos criaram esse termo para “se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem o apresentava” (Goffman, 1980, p. 11).

O estigma histórico-social sobre as associações canábicas impactam diretamente na construção da identidade social virtual dos pacientes, que é a imagem socialmente atribuída a uma pessoa, considerando os estereótipos individuais e as expectativas sociais sobre o indivíduo, e na construção da identidade social real, que se refere aos atributos genuínos pertencentes ao indivíduo.

As ideias de Erving Goffman (1961, 1980) serão necessárias para compreensão do impacto do estigma sobre os consumidores de Cannabis pertencentes à Associação Cura em Flor, e nas interações sociais dos membros da Associação com outros grupos sociais que não consomem Cannabis, e assim formando a opinião particular dos atores sociais que são impactados diretamente pela compreensão do consumo de Cannabis algo comum ou um ato estigmatizado.

A definição de estigma apresentada por Goffman (1980), contribui para compreensão dos impactos do estigma e seus respectivos tipos e atributos.

Portanto, na presente pesquisa, o termo estigma será utilizado para denominar um atributo depreciativo a partir das interações sociais.

O termo estigma será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso (Goffman, 1980, p. 13-14).

Dessa forma, o estigma é subjetivo, de acordo com a interpretação particular ou de cada grupo social, desde que estejam alinhados com os atributos que são considerados normais ou estigmatizados pelo grupo ou instituição normativa na qual está inserido na sociedade. Um atributo de determinado indivíduo pode ser estigmatizado por determinado grupo social, enquanto que o mesmo atributo pode ser considerado uma característica comum aos indivíduos que fazem parte de outro grupo social, como no caso da Cannabis, onde o fato de ser consumidor de Cannabis e pertencer a Associação Cura em Flor é algo normal para seus membros, enquanto pode ser considerado uma ação desviante e por isso estigmatizada de outros grupos que não aceitam o consumo da Cannabis e organizações que apoiam a Cannabis medicinal.

O conceito descrito por Goffman (1980) envolve a definição de estigma como uma marca social que é utilizada para desqualificar um indivíduo ou um grupo social, ou seja, o estigma está no sujeito que se desvia da ordem comum perante a sociedade, seja pelo meio moral ou visual, onde o estigma pode ser considerado como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (Goffman, 1980, p. 7). Na relação deste conceito com a Cannabis e os membros da Associação Cura em Flor, é possível identificar a falta de legitimidade social, resultante de preconceitos históricos sobre o seu uso, e estigmatizando os indivíduos que fazem tratamentos com a Cannabis medicinal, sendo que este estigma pode ocorrer de maneira pública.

Para Goffman (1980), o *estigma público* está diretamente relacionado à percepção social negativa sobre os indivíduos. No caso da Cannabis, é possível identificar que seus consumidores são vistos como indivíduos com comportamentos desviantes em relação aos padrões sociais vigentes, sendo que as organizações que trabalham com a Cannabis são consideradas como desobedientes da ordem

social e promotoras de ações desviantes de acordo com a opinião de determinados grupos sociais. Já o estigma *institucional* ocorre quando existem certas barreiras estruturais sobre a substância que está sendo estigmatizada, como as restrições legais e as dificuldades de aceitação social, como o caso da Cannabis. As restrições legais, as dificuldades de acessos aos produtos de confiança derivados da planta, e suas diversas utilizações para fins industriais, medicinais e recreativos. Segundo Goffman (1961), as instituições podem estigmatizar seus integrantes e membros pertencentes, criando rótulos e expectativas rígidas que, por sua vez, marginalizam e afetam a identidade dos indivíduos que estão em sua abrangência.

Desse modo, o estigma está diretamente relacionado à uma percepção social negativa, e no caso da Cannabis, os consumidores são vistos como indivíduos com comportamentos desviantes em relação aos padrões sociais vigentes. Assim, as organizações que trabalham com a Cannabis medicinal, como a Associação Cura em Flor, são consideradas promotoras das ações desviantes, por isso, a formação do estigma público voltado ao rótulo de desviantes em relação aos rótulos normativos que são atribuídos aos indivíduos.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de analisar uma associação que trabalha com a Cannabis medicinal envolve a questão organizacional e estrutural, com processos visando fomentar o bem-estar individual e social dos pacientes. Entretanto, por ser um produto estigmatizado no mercado, sua expansão é impactada diretamente nas interações sociais, sendo estigmatizados e sofrendo preconceitos sociais.

Consequentemente, por conta do estigma estabelecido sobre as ações dos associados, a pesquisa contribui para identificar como a Cannabis promove o interacionismo simbólico entre os indivíduos, buscando compreender como o pertencimento à Associação Cura em Flor contribui na formação de sua identidade pessoal, que diverge da identidade virtual estabelecida por outros grupos sociais, e que é a identidade consequente da estigmatização.

O estudo também é relevante para contribuir com a visão social-empírico do tema da Cannabis, examinando os impactos que ocorrem devido ao uso da

Cannabis para fins medicinais, e como isso impacta diretamente nas interações sociais dos pacientes.

É possível identificar lacunas na Administração em relação aos estudos de produtos e mercados que são socialmente estigmatizados e buscam se legitimar, e que precisam ser preenchidas por meio de pesquisas sobre a temática, levantando desde a contextualização histórica da proibição até as pesquisas científicas que comprovem os benefícios do consumo medicinal da planta.

IV. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO CURA EM FLOR. **Estatuto social da Associação Cura em Flor**. Londrina, 2025.

BOSCHARIOL, Ana Beatriz Pavilhão. **Associação Maria Flor (Marília-SP) e os usos terapêuticos da maconha**. 94 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina, 2024.

CARLINI, Elisaldo Araújo. **A história da maconha no Brasil**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 4, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.190/s0047-2082006000400008>. Acesso em: 9 abr. 2026.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes: Zahar Editora, 1980.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. Editora: Perspectiva, São Paulo, 1961.

GIGER-ONETO, Stephanie; SPRAGUE, Robert. **Cannabis regulatory confusion and its impact on consumer adaption**. *American Business Law Journal*, Volume 57, Issue 4, 735-772, Winter 2020.

GEIGER-ONETO, Stephanie; SIMKINS, Travis. **A Social Identity Perspective on the Legalization of Marijuana in the United States: The Relative Importance of Status Insecurity and Group Membership**. *Journal of Macromarketing*, [s. l.], v. 38, n. 2, p. 199-215, jun. 2018. DOI: 10.1177/0276146717744245. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325286884>. Acesso em: dez. 2025.

SKLIAMIS, Kostas; BENSCHOP, Annemieke; KORF, Dirk J. **Cannabis users and stigma: a comparison of users from European countries with different cannabis policies**. *European Journal of Criminology*, v. 19, n. 6, p. 1483–1500, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1477370820983560>. Acesso em: 9 abr. 2026.

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

